



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DA EDUCAÇÃO BÁSICA - PARFOR
FACULDADE DE PEDAGOGIA

ERENILDE MONTEIRO DE JESUS

**PRÁTICA DOCENTE MEDIANTE AS ATITUDES RACISTAS PROMOVIDAS
PELOS ALUNOS**

CASTANHAL-PA
2018

ERENILDE MONTEIRO DE JESUS

**PRÁTICA DOCENTE MEDIANTE AS ATITUDES RACISTAS PROMOVIDAS
PELOS ALUNOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de licenciatura em pedagogia da Universidade Federal do Pará – UFPA, Campus Castanhal, como requisito parcial para obtenção do grau de graduada em pedagogia.

Orientador: Prof^o. Dr. Assunção José Pureza Amaral.

CASTANHAL-PA
2018

ERENILDE MONTEIRO DE JESUS

**PRÁTICA DOCENTE MEDIANTE AS ATITUDES RACISTAS PROMOVIDAS
PELOS ALUNOS**

Monografia apresentada como requisito necessário para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob a orientação do Professor Dr. Assunção José Pureza Amaral.

Aprovado em _____ de _____ de 2018

Banca Examinadora:

Orientador: Profº. Dr. Assunção José Pureza de Amaral - UFPA

1º Membro da Banca: Profº. José Rodrigo Pontes dos Santos - UFPA

2º Membro da Banca: Profº. Cleide Maria Velasco Magno - UFPA

O quê que importa se ele é preto e
você é branco.
Aliás, branco no Brasil é difícil, porque no
Brasil somos todos mestiços
Se você discorda, então olhe para trás
Olhe a nossa história.
Os nossos ancestrais.
O Brasil colonial não era igual a Portugal.
A raiz do meu país era multirracial.
Tinha índio, branco, amarelo, preto.
Nascemos da mistura, então por que o
preconceito? Barrigas cresceram.
O tempo passou.
Nasceram os brasileiros, cada um com a
sua cor.
Uns com a pele clara, outros mais escura
Mas todos viemos da mesma mistura.

(Gabriel Pensador)

Dedico este trabalho às minhas filhas Eveny e Emanuely, as que mais sofreram com minha ausência; que me inspiram a viver dando sentido a minha existência e me proporcionando grandes momentos de alegria. Luzes de minha vida.

Agradecimento

Agradeço primeiramente a Deus por ter me fortalecido a ponto de superar as dificuldades, e também por toda a saúde que me deu o que permitiu alcançar esta etapa tão importante da minha vida.

Agradeço aos meus pais, meus maiores exemplos, sou grata pelo incentivo e orações diárias que todos os dias me dedicaram. Agradeço a todos meus familiares, que me apoiaram, torcendo por mim. Agradeço aos meus sogros que cuidaram da minha família enquanto estive ausente, ao meu marido pela compreensão de muitas vezes não está presente, que me apoiou em todos os momentos de minha vida.

Aos amigos, que se colocaram a disposição para compartilhar minhas tristezas e alegrias, hoje sou uma pessoa realizada e feliz porque sei que não estive só nessa caminhada, vocês foram meu apoio, deixo uma palavra gigantesca de agradecimento a todos vocês.

Aos professores reconheço e agradeço profundamente a confiança e a orientação, sem eles não teria conseguido.

Resumo

Essa pesquisa apresenta uma análise feita a partir dos relatos dos professores do 3º ao 5º ano do ensino fundamental da escola Marieta Nunes, com o objetivo de compreender a prática docente mediante o racismo em salas de aula. A metodologia aplicada foi de abordagem qualitativa por meios de uma pesquisa de campo através de um questionário aplicado para responder e compreender quais intervenções são desenvolvidas pelos docentes, quando presenciam atitudes racistas. Contudo para atingirmos nossa meta ancoramos o trabalho nos seguintes teóricos: Munanga (2005), Cavalleiro (2007), Azevedo (1990), Amaral (2004) entre outros, que muito nos ajudaram. Apresentamos as diferentes definições do racismo, uma discussão sobre o embasamento da lei 10.639/2003 que atribui à obrigatoriedade de se trabalhar a história da África nas escolas e também o racismo no ambiente escolar, da importância de se trabalhar a temática da diversidade racial para que o aluno negro conheça seus costumes culturais, que muito se faz presente em seu cotidiano. Ao final foi constatado que atitudes racistas acontecem com frequência, e não são oferecidas pelos docentes e nem pela escola, propostas pedagógicas em que o foco fosse diversidade racial, em consequência deixando os docentes sem saber o que fazer diante de atitudes racistas direcionadas aos seus alunos negros e aos demais sem conhecimento das diversidades encontradas nela.

Palavras-chave: Racismo, sala de aula, prática docente.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
SEÇÃO I - O RACISMO NO COTEXTO SOCIAL EDUCACIONAL	
BRASILEIRO	12
1.1 - A lei 10.639/2003	15
1.2- O racismo na escola.....	17
SEÇÃO II - O CAMINHO PERCORRIDO	22
SEÇÃO III - AS PRÁTICAS DOCENTE MEDIANTE AS ATITUDES RACISTAS PROMOVIDAS PELOS ALUNOS NA ESCOLA.....	25
SEÇÃO IV- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	36
ANEXOS	39

INTRODUÇÃO

Esse trabalho é baseado em minhas vivências em sala de aula, em uma escola localizada na vila de Vista Alegre zona rural no município de Marapanim, na qual há onze anos trabalho com turmas de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Em minha vida profissional aconteceram várias situações em sala de aula, entre tantas, uma me chamou atenção e me incomodou: ver alunos agredindo o outro por causa de sua cor de pele.

Nesse sentido, a temática do racismo tomou forma para mim depois de constatar que em minha sala de aula alguns alunos estavam tendo atitudes racistas. Um dia ao chegar à sala havia uma aluna chorando dizendo que estavam apelidando-a de “beijuda” e “filha de macumbeira”, sendo que, isso, estava ficando recorrente. Em outra ocasião, a mesma garota, ouviu de uma colega: “Você é feia porque é preta”, “macaca” e outros apelidos pejorativos e racistas.

Esses episódios, me sensibilizou, conversei com a turma para tentar amenizar a situação, mas sabia que aquelas atitudes deixariam marcas profundas naquela garota, ou seja, consequência para uma vida toda, sabia que precisava fazer algo a mais, planejei, elaborei sequências didáticas e obtive resultados positivos com aquelas crianças que estavam em minha sala.

No entanto percebi a necessidade de ampliar esse conhecimento para outras salas nas quais estariam acontecendo a mesma situação. Sabe-se que o papel da escola é formar cidadãos conscientes e que a ação educativa influencia os indivíduos afins de que tenham posturas adequadas e valores referentes à diversidade social em que estão inseridos. Acredito que esse tema precisa ser trabalhado em todas as salas de aulas, não somente o que é o racismo, mas também discutidas e analisadas a partir das consequências dessas atitudes para quem sofre esse tipo de agressão.

Nesse sentido, o objetivo do presente trabalho é compreender a prática docente mediante o racismo em salas de aula, bem como os possíveis preconceitos que levam alguma forma de exclusão, tendo em vista que, o racismo não se limita a questão de cor de pele, mas influencia o desenvolvimento e a formação do ser humano. Trabalhar as diferenças é um desafio, o professor é um facilitador no processo de ensino e aprendizagem, porém nem sempre recebe uma formação

adequada para lidar com as questões de preconceito no espaço escolar como menciona Munanga (2005) a seguir:

Alguns dentre nós não receberam na sua educação e formação de cidadãos, de professores e educadores o necessário preparo para lidar com o desafio que a problemática da convivência com a diversidade e as manifestações de discriminação delas resultadas [...] na nossa vida profissional. Essa falta de preparo, que devemos considerar como reflexo do nosso mito de democracia racial compromete sem dúvida o objetivo fundamental da nossa missão no processo de formação de futuros cidadãos responsável de amanhã (MUNANGA 2005, p. 15).

Desta forma, assim como aconteceu comigo, pode estar acontecendo com outros professores, que muitas vezes ficam sem saber o que fazer, por conta do despreparo para atuar diante desse tipo de situação e acabam enraizando ainda mais o problema, deixando que essas crianças sofram e mais tarde se tornem cidadãos conflituosos tendo uma vida até mesmo de marginalização. Conforme Cavalleiro (2005, p. 16) “a não percepção do racismo por parte das crianças está ligada às estratégias de democracia racial que muitas vezes nega a existência do problema”. Essa reflexão da minha própria prática serviu como um viés para a busca de solução do problema.

Nesse sentido, uma vez que a escola é um espaço de aprendizagem, onde as transformações podem ocorrer a partir das reflexões das práticas docentes, se faz necessário o planejamento, colaboração e o engajamento de todos os envolvidos de modo consciente. Sendo assim essa pesquisa poderá ser uma contribuição para a prática docente em salas de aulas onde se encontram manifestações racistas.

O racismo é perverso e pode causar transtorno para o inconsciente da vítima, iniciando um processo de desvalorização, de abandono pessoal, entre outras coisas. Ninguém se sente a vontade onde é alvo de brincadeiras e xingamentos racistas por parte de colegas ou qualquer outra pessoa. Sabe-se ainda que essas atitudes pode influenciar no rendimento escolar desses alunos.

Diante das considerações acima, investigamos: **que intervenções (atitudes) são desenvolvidas na prática docente quando na presença de atitudes racistas em sala de aula?**

Para responder à questão problematizadora, analisamos as narrativas dos professores investigados das turmas dos primeiros anos do Ensino Fundamental 1º ciclo de uma Escola Pública da zona rural de Marapanim–PA, definindo os seguintes objetivos específicos: 1) analisar a percepção e as práticas docentes, 2) verificar de que forma estão contribuindo para evitar atitudes racistas em sala de aula.

Desta forma, o presente texto traz a seguir a base na qual foi ancorada toda a pesquisa, bem como a metodologia escolhida para alcançar efetivamente os objetivos traçados, cujos resultados visualizados e discutidos permitiram as conclusões ora apresentadas, de modo que a primeira seção abordará o racismo no contexto social e suas repercussões, a legislação vigente e ainda trata da prática do racismo na escola; a segunda seção mostra o caminho da pesquisa; a terceira seção apresenta os resultados encontrados com a prática docente mediante as atitudes racistas promovidas pelos alunos na escola e por fim as considerações finais.

SEÇÃO I - O RACISMO NO CONTEXTO SOCIAL E EDUCACIONAL BRASILEIRO

O Brasil é um país historicamente formado por diversos grupos étnicos e raciais e, com isto, pluralidade de crenças, costumes, entre outros, os compõe, devendo assim, serem enunciados na construção identitária da nação. Entanto, é muito presente o racismo em suas diferentes formas de expressão no estado brasileiro. A população pobre é a que mais sofre as consequências dessa realidade. “sem reconhecer-se fruto histórico de uma marginalização perversa, o negro assumiu o seu lugar no mundo dominado pelos brancos” (AZEVEDO 1990, p. 49).

Segundo Pereira (2007), entre os séculos XVI e XIX, o Brasil recebeu cerca de quarenta por cento dos quase dez milhões de africanos que foram trazidos para a América, esse fato significa que elementos culturais relacionados à diáspora africana se tornaram parte de nossa percepção de mundo e de nossas práticas cotidianas. No entanto, isso não significa dizer que o tratamento dispensado aos afros descendentes tenha sido condizente com a importância que suas contribuições tiveram para a formação do povo brasileiro, ao contrário, esse tratamento sempre foi marcado pelo preconceito, violência e racismo (PEREIRA 2007).

Nesse sentido, Santos (2006, p. 11) diz que “racismo é um sistema que afirma a superioridade de um grupo racial sobre outros”. Da mesma forma, Sant’Ana (2005 p. 60), ao se referir ao Programa Nacional dos Direitos Humanos de 1998, menciona que “racismo é uma ideologia que postula a existência de hierarquia entre os grupos humanos e a existência da noção de que certas raças são naturalmente inferiores ou superiores a outras”.

A compreensão do que seja racismo, preconceito e discriminação, para Sant’Ana (2005) são importantes, afim de que se estabeleçam os debates e discussões destes temas dentro e fora da escola. Portanto, o autor apresenta a etimologia da palavra *raça*, em duas fontes: uma italiana e outra árabe. Na primeira origem, *raça* vem palavra italiana *razza*, que significa família ou grupo de pessoas e, na segunda vem da palavra árabe *rās* que quer dizer origem ou descendência Sant’Ana (2005).

Para Sant’Ana (2005 p. 62) “preconceito é uma opinião pré-estabelecida, que é imposta pelo meio, época e educação”, enquanto discriminação tem a ver com a conduta e ou a omissão dos indivíduos.

E à *discriminação racial*, conforme a Organização das Nações Unidas ONU (1996) afirma que:

Qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferências baseadas em cor, raça, descendência, origem nacional ou étnica que tenha como objeto ou efeito, anular ou restringir a igualdade, os direitos humanos e a liberdade fundamentais no domínio político, social ou cultural, ou em qualquer outro domínio da vida pública (SANT'ANA, 2005, P. 63).

O Preconceito racial é um problema presente na sociedade, que se manifesta de várias formas, gerando consequências para quem sofre com o racismo. Baseado no conceito de que existem diferenças de raças humanas e que uma é superior a outra se cria o contexto para a prática do racismo. Assim a pessoa racista justifica seu ato, pensando, “eu sou melhor que ele, por que sou branco”. A desigualdade que é manifestada por conta da cor da pele não tem justificativa, por que o que se deve levar em conta e a valorização o respeito pelo outro, e dos direitos que todos têm na sociedade.

Nesse sentido, Pereira (2007, p. 23) diz que:

Reconhecer as especificidades dos diferentes contingentes culturais que dão forma à nação brasileira é uma condição fundamental para o construirmos uma sociedade justa e solidária, que tenha no diálogo e no respeito ao outro o ponto de partida para a promoção do bem comum.

Com esse pensamento, as pessoas que praticam o racismo dificilmente assumem serem racistas, pois não se dão conta de que não é uma questão de aceitação ou não, mas sim, de respeitar o outro como ser humano e que sua diferença, por exemplo, de cor não a faz superior ou inferior.

Do mesmo modo, Azevedo (1990, p. 13) menciona que:

Se, ao acaso, tomarmos pares de indivíduos e cuidadosamente estudarmos suas semelhanças e diferenças, tanto na estrutura física quanto nas características do sangue, verificaremos que são inúmeras as diferenças.

Portanto mesmo entre indivíduos da mesma raça (humana) e que essas características não os fazem superiores ou inferiores, ou seja, a “raça pura é um mito” (AZEVEDO 1990, p.29).

No entanto, a questão do racismo percorre séculos, deixando marcas, como no período escravagista no Brasil, onde o negro era visto como ser inferiorizado e assim foi escravizado. Dizia Azevedo (1990, p. 27) que “na atualidade observa-se formas variadas de racismo, que vão desde sua institucionalização, por força de lei até as formas mais sutis de novos disfarces”. Para ele, “racismo é não apenas escravidão, mas também crime de morte, quando subtrai até as condições sociais mínimas para a sobrevivência” (AZEVEDO 1990, p. 28).

No Brasil, o racismo está explícito no olhar de quem pratica esse ato tão perverso, mesmo com todas as lutas que já enfrentaram e ainda enfrentam os negros, ainda são vítimas e essa questão ainda é recorrente e não superada. Segundo Amaral (2004):

No Brasil o negro sofre múltipla exclusão, ou seja, é excluído racial e economicamente, já que por conta do racismo camuflado ele é levado a exercer na maioria das vezes papel subalterno levando-o a miséria e até a marginalidade. Essa múltipla exclusão pode inicialmente ser explicada da seguinte maneira: a) Por ter marcas ou ligações com o passado escravistas; b) Por ser de uma cor ou raça diferente daquela que a sociedade toma como referência ou modelo padrão; c) Por se encontrar, enquanto coletividade ou grupo, em desvantagem socioeconômica em relação ao não negro, implicando em outros fatores como baixa formação educacional, desassistência, etc. d) O cruzamento dessas variáveis multiplicando-se em outras mais graves, como, por exemplo: pela sua ligação com a escravidão, pela diferença racial, pelas desvantagens sócias-econômicas, é responsabilizado pela sua situação ou é considerado como cidadão de segunda categoria, assumindo o papel de subordinado nos cenários sociais (AMARAL 2004, p. 20).

O racismo está enraizado em uma sociedade onde o negro é visto desta forma, mesmo sem perceber as pessoas discriminam e afastam o negro negando seus direitos de cidadão, esquecendo que não é apenas uma questão de crime, é uma ofensa ética.

O racismo é prejudicial, fere e desvaloriza a existência do outro, ninguém é obrigado a gostar de ninguém, porém respeitar os direitos sim, isso é obrigatório. Apesar da grande luta que existe contra o racismo no Brasil e para que os direitos dos negros sejam reconhecidos, a população negra sofre até hoje com a discriminação racial. Para Araújo (2015, p. 15 apud VERÇOSA 2012, p. 16):

Apesar das formas camufladas em que se manifesta, é evidente que o racismo impera no Brasil, são muitas as barreiras sociais e

consequências que o mesmo promove, pois a grande maioria da população afro-brasileira sofre e, por conta disso, surgem as ações de inclusão social muitas vezes discutidas pelos movimentos sociais e governo na tentativa de combater as permanentes formas de preconceito racial que permeiam as relações raciais e humanas no Brasil.

Sabe-se que existe uma grande luta contra o racismo e que muitas mudanças aconteceram, no entanto, nos dias atuais a população negra ainda sofre com desigualdade, o racismo se faz presente no cotidiano dos negros, causando desconforto e acima de tudo deixando consequências psicológicas. Cavalleiro (2007) afirma que:

O racismo no Brasil foi denominado “racismo cordial”. [...] Esse racismo erroneamente denominado cordial acarreta grandes prejuízos para aqueles que lutam diariamente contra um inimigo “invisível”, que não aparece em hora, situação ou lugar predeterminado. Sua ação, porém, é cruel para aqueles que, sob uma pele negra, buscam a sobrevivência física e emocional própria e de seus familiares. Em consequência desse racismo, o negro tem sido impedido de construir uma cidadania plena, encontrando-se desprotegido diante de situações de violência (CAVALLEIRO 2007, p. 30).

Se analisarmos, o racismo é a pior forma de discriminação, como pode um negro deixar de ser negro e mudar suas características que é de sua natureza? Como pode a criança ser julgada e condenada por sua cor de pele? Sem ao menos ter a chance de mostrar seus talentos, suas qualidades a sua essência humana A realidade é essa, infelizmente! É dessa forma que o racismo se manifesta principalmente quando é relacionado à criança negra na escola. Ela não está preparada para se defender. Não seria o professor o primeiro a intermediar a questão no ambiente escolar?

1.1 - A LEI 10.639/2003¹

¹ Lei 11. 645/2008 complementa alterando a 10.639 e passa a incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio, público e privados tornando obrigatório o estudo de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.

Em 2003 foi instituída pelo então Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, a Lei de nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de história da África e da cultura africana, nas escolas públicas e privadas. Foi a partir daí que os professores e principalmente os alunos começaram a ter oportunidade de se expressarem e pesquisarem sobre o assunto, conhecerem a verdadeira história do negro no Brasil. Assim, alterou-se a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 2004) que passou a ter no parágrafo 2º o seguinte texto:

O Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana tem por objetivo, o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros bem como garantia e reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas da nação brasileiras ao lado das indígenas, européias, asiáticas (Brasil, 2004, p. 11).

A realidade é que muitas escolas ainda não trabalham essa temática, como se o tema fosse realidade que não nos pertencesse, e acabam ocultando-o, por falta de despreparo dos professores, ou até mesmo por comodismo. Por tanto seria de grande importância que os professores recebessem formação adequada para que essa temática fosse abordada em sala de aula de maneira esclarecedora, uma vez que eles precisam trabalhar temas como diversidade cultural em suas salas de aula e combater o preconceito racial no espaço educacional.

Como destaca a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996:

Reconhecer, exige a valorização e o respeito às pessoas negras, a sua descendência africana, sua cultura e história, significa buscar e compreender seus valores e lutas, ser sensível ao sofrimento causado por tantas formas de desqualificação[...] implica criar condições para que os estudantes negros não sejam rejeitados em virtude da cor de sua pele, menosprezado em virtude de seus antepassados terem sido explorados como escravos, e não sejam desencorajados de prosseguir nos estudos, de estudar questões que respeitem a comunidade negra (BRASIL 2004, p. 04).

Portanto, a obrigatoriedade de trabalhar a questão afro-brasileira nas escolas, é com a finalidade de valorizar as diversidades culturais e mostrar a verdadeira identidade dos negros, mostrando sua importância na sociedade de forma inigualável, para que a educação dos negros aconteça com a mesma intensidade dos demais nas instituições educacionais, sem nenhuma forma de preconceito, devido sua história, que possam exercer seus direitos como qualquer cidadão, onde

quer que estejam, sem que ninguém os aponte como serem inferiores, por causa de sua cor de pele, cor que vem de um povo guerreiro e trabalhador, que lutam desde sempre por igualdade. Nesse sentido Arruda (2006) vem dizer:

[...] Não podemos abrir mão da luta, sem perder a ternura. A ternura do direito inalienável da humanização. [...] Um mundo em que Etnia e Raça possam caminhar juntas na sua construção. E é no espaço da escola, que essa DIVERSIDADE pode começar a ser implementada. Desde a educação infantil a EJA. A escola pode ser a grande parceira dessa labuta. (ARRUDA 2006, p. 26)

Por esta razão, desde já essa temática deve ser trabalhada nas escolas, para que os alunos aprendam a conviver com as diversidades, se sensibilizem e comecem a combater o preconceito, respeitando as diferenças dentro de sala de aula. A escola é um espaço adequado para se começar a combater esse preconceito, que muitas vezes gera conflitos e que deixa na criança sentimentos de inferioridade. E é nesse espaço de aprendizagem que podemos despertar a sensibilidade e o conhecimento de crianças, jovens e adultos e se reconhecer como afro-descendentes, orgulhando-se de suas origens.

No entanto, a escola tem por obrigação exercer sua principal função perante a esse fator, como afirma a Lei das Diretrizes e Base da Educação Nacional (BRASIL, 2004):

A escola tem o papel preponderante para a eliminação das discriminações e para a emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, a conquistas de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados indispensáveis para a consolidação das nações e concertos como espaços democráticos e igualitários (BRASIL2004, p. 13).

Ao exercer esse papel a escola estará contribuindo para combater o racismo formando cidadãos capazes de respeitar o outro independente das diferenças, tendo um olhar ampliado em relação à questão étnico-racial, respeitando a história do negro, sua cultura e a importância do mesmo na sociedade brasileira. Portanto faz-se necessário que a Lei nº 10.639/2003 e a lei 11.645/08 se concretizem nas escolas e os professores se façam mediadores nesse cumprimento, possibilitando uma mudança nas ideias dos que praticam o racismo.

1.2 - O racismo na escola

No Brasil ainda é muito forte a questão do racismo na escola, mesmo com as leis que amparam e promovem ensinamentos e debates sobre a temática, provavelmente muitos professores ainda desconhecem ou fazem pouco caso da obrigatoriedade do ensino afro-brasileiro nas instituições educacionais. Como consequência, as crianças negras ficam muitas vezes sem defesa e aos demais alunos sem o conhecimento históricos de suas origens.

Em sala de aula, quando o professor ao invés de discutir o assunto e propor alternativas para combatê-lo prefere omitir o preconceito, o que torna necessária, uma mobilização da escola no intuito de preparar esse professor para lidar com a questão do racismo, pois atitudes de omissão associadas ao racismo podem acabar com estímulos que a criança precisa ter para continuar indo a escola, afetando seu rendimento escolar. Como menciona Arruda (2006):

Além, disso tudo, pouco conhecemos sobre a dinâmica emocional do homem que muitas vezes vem prejudicando e justificando o fracasso escolar pela presença de problemas emocionais graves e desajustes familiares na vida do aluno, deixando que o lugar do fracasso seja culpado apenas pelo aluno, quando ambos deveriam lá estar professor/aluno (ARRUDA 2006, p. 65).

Portanto, precisamos despertar continuamente, a escola a fim de que possa desconstruir esse pensamento negativo que é descarregado sobre o negro, e sua cultura nos espaços escolares. É um grande desafio para a escola quando ela toma essa decisão de mudar e transformar o negativo em positivo, com propostas pedagógicas em que os resultados saiam de forma satisfatória a todos os envolvidos.

Sabe-se que é importante que a criança esteja inserida de várias formas em ambientes favoráveis para que ela desenvolva seu aprendizado, suas habilidades, como afirma Cavalheiro (2007):

Não há como negar que o preconceito e a discriminação constituem um problema que afeta a criança negra, visto que ela sofre, direta e cotidianamente, maus tratos, agressão e injustiças, que afetam sua infância e comprometem todo o seu desenvolvimento (CAVALLEIRO 2007, p. 98).

A criança tem que ser respeitada independente de sua raça, religião ou classe social, não pode deixar de ir à escola por herança de preconceitos do passado, e a escola não pode deixar de cumprir seu papel que é formar cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, a prática do racismo em sala de aula pode sobrecarregar o aluno de pensamentos negativos sobre seu potencial.

Desta forma a lei 10.639/2003 diz que a escola deve ensinar a cultura afro-brasileira e com isso valorizar a história do negro, para que o aluno negro seja valorizado e se reconheça e tenha orgulho de suas raízes. As crianças negras, ainda sofrem muito preconceito por causa de suas características físicas tais como: a cor e cabelo, por exemplo, características essas que vem de um povo guerreiro, que trabalha e luta por sobrevivência, igualdade e educação. Como afirma Araújo (2015, p. 30, apud OLIVEIRA S/D, p.05) que:

Ao levar a reflexão sobre a discriminação racial, valorizar a diversidade étnica, gerar debates, estimular valores e comportamentos de respeito e solidariedade é dar um passo no caminho da reconstrução de uma história do nosso passado que ainda precisa ser compreendida.

Nesse sentido, se faz necessário que o professor tome uma atitude e comece provocar nos alunos uma reflexão crítica em relação ao racismo, como afirma Gomes (2005 p. 146) “não há como negar que a educação é um processo amplo e complexo de construção de saberes culturais e sociais que fazem parte do acontecer humano”. Com isso se dá a necessidade de preparar o professor para que ele elabore suas práticas pedagógicas pensando no coletivo na diversidade que há em uma sala de aula.

Do mesmo modo afirma Silva (2013, p. 75) que “despreparo constitui campo fértil para que o racismo se perpetue e a discriminação racial sofra mutações próprias do ambiente escolar”. Apesar das mudanças por causa das leis impostas para combaterem o racismo, ele ainda se manifesta de maneira muito visível nos espaços públicos, e a importância de uma formação adequada para que o professor saiba introduzir esse tema em sua sala de aula como menciona Munanga (2005) no trecho a seguir:

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos

preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas (MUNANGA 2005, p.16).

A Lei 10.639/2003 que institui a Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino no Brasil orienta que a escola cumpra com seu papel, de formar o aluno para o exercício da cidadania, do trabalho, e com isso continuar seu aprendizado ao longo de sua vida, ampliando sua cidadania, pois, esse é um dos principais objetivos que devem orientar o trabalho pedagógico.

Da mesma forma, a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) orienta que:

A escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coletiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidade, [...] os sistemas e redes de ensino devem construir currículos, e as escolas precisam elaborar propostas pedagógicas que considerem as necessidades, possibilidades linguísticas, étnicas e culturais.

Portanto, a criança negra tem direito a uma educação que promova o seu bem-estar, educando-o para a vida, que desenvolva seu potencial de forma integral em todos os aspectos, emocional, social e cultural, pois quando o professor desenvolve suas práticas pedagógicas em sala de aula, em relação a essa temática do racismo de forma esclarecedora, o resultado é positivo não somente para as crianças negras, mas para a turma em geral, pois está estimulando a solidariedade e o respeito entre os alunos, contribuindo para que haja harmonia e justiça em sala de aula e na sociedade.

“Como diz Silva (1995 p.106) é necessário saber que as relações entre brancos e negros estão permeadas por representações que precisam sair do plano latente e vim para o plano da consciência” A temática do racismo deverá fazer parte do plano pedagógico do professor, e ele deve buscar estratégias para trabalhar de forma adequada, para isso é necessário pensar na formação do professor, nesse sentido Silva (1995) vem dizer:

A formação do professor é um dos elementos-chave na desestigmatização da imagem do negro; logo, estratégias e técnicas que facilite a abordagem do tema, assim como o conhecimento de conceito como os de etnocentrismo, cultura, relações inter-étnicas, minorias, acumulação, distúrbios de identidade, dinâmica de

dominação subordinação que rege as relações entre os indivíduos numa sociedade multicultural e pluriétnica devem compor o quadro teórico de sua formação (SILVA, 1995 p. 106).

Dessa maneira, se faz necessário ao professor uma formação para trabalhar esse assunto, mas se isso ainda não foi possível, o que fazer? Esperar ou buscar por si mesmo, uma formação para abordar o racismo, principalmente se isso já estiver acontecendo em sala de aula, o que não deve acontecer é do professor se manter neutro diante de atitudes racistas, estando ali somente para cumprir carga horária sem ao menos observar a realidade de sua sala de aula, deixando que alunos se tornem agressores enquanto outras vítimas de preconceitos racistas, sem terem a oportunidade de defesa, com pensamento de incapacidade, estimulando o desinteresse em seus estudos e causando o abandono escolar. De acordo com Cavalleiro (2005, p. 12):

Em estudos anteriores, foi possível comprovar que a existência do racismo, do preconceito e da discriminação racial na sociedade brasileira e, em especial, no cotidiano escolar acarreta aos indivíduos negros: auto rejeição, desenvolvimento de baixa autoestima com ausência de reconhecimento de capacidade pessoal; rejeição de si mesmo e do outro igual racialmente; timidez, pouca ou nenhuma participação em sala de aula; ausência de reconhecimento positivo de seu pertencimento racial; dificuldade no processo de aprendizagem; recusa em ir à escola e conseqüentemente evasão escolar.

Por tanto se o professor assumir um compromisso e trabalhar esse tema em sala de aula estará contribuindo também com o reconhecimento do negro na sociedade, pois é dever da escola estabelecer vínculos entre alunos, proporcionar uma formação adequada às diversidades encontrada nela mesma, formando e qualificando alunos independentemente de sua cor, classe ou qualquer que seja suas diferenças.

É importante também que o professor não se sinta sozinho, mas que tenha o apoio de todos os envolvidos na educação dos indivíduos, inclusive da família, pois, não é um trabalho para ser executado somente em sala de aula, mas que precisa ir além dela, para que faça efeito na sociedade em geral.

Por outro lado, a família também deve ser engajada nessa luta, pois em virtude de conseqüências históricas, muitas vezes, famílias reproduzem comportamentos inadequados entre seus membros, tais como brigas entre irmãos,

com apelidos pejorativos, ou brincadeiras dentro de casa que apontam a cor da pele, fazendo com que se sintam inferiores, desvalorizadas, excluídas pensando não ser merecedora de respeito ou digna de direito.

Sendo que esses comportamentos, é manifestado na escola e é nela que se deve mudar essa realidade, sabemos que para as mudanças acontecerem deve-se propor meios em que todos os envolvidos estejam informados do assunto e preparados para que possam argumentar a favor do que vão defender sem deixarem um ponto de interrogação, pois mudar é difícil, mas sempre é preciso e necessário que a escola envolva em suas atividades toda a comunidade escolar.

II SEÇÃO - O CAMINHO PERCORRIDO

O trabalho está atrelado a bases da pesquisa qualitativa por meios de instrumentos que viabilizaram uma compreensão referente ao objeto da pesquisa ora investigada. De forma qualitativa tendo como base a narrativa dos sujeitos a partir do questionário, dessa maneira possibilitou a compreensão do que pensam e falam sobre o tema em questão. Lüdke e André (1986), sobre a pesquisa qualitativa expressam no trecho, a seguir que:

É cada vez mais evidente o interesse que os pesquisadores da área de educação vêm demonstrando pelo uso das metodologias qualitativas. Apesar da crescente popularidade dessas metodologias, ainda parecem existir muitas dúvidas sobre o que realmente caracteriza uma pesquisa qualitativa, quando é ou não é adequado utilizá-la e como se coloca a questão do rigor científico nesse tipo de investigação. [...] A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. A pesquisa qualitativa supõe contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está inserida [...] (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p.11).

Nesse sentido, o tipo de pesquisa que se mostrou mais adequada para esse trabalho foi à pesquisa de campo, pois ela é uma técnica para se buscar informações de forma ampla, bastante utilizada nas pesquisas de natureza qualitativa, e com objetivos exploratórios.

A investigação foi realizada em uma escola pública do município de Marapanim, cidade do interior do estado do Pará, aproximadamente 100 km da capital Belém. O município possuía no levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado em 2010, 26.605 habitantes e com estimativa para 27.471 em 2016, segundo o levantamento do IBGE de 2015, Marapanim possui 50 escolas (da Educação básica) do ensino fundamental, sendo que duas escolas do Ensino Médio público estadual, uma escola do ensino fundamental I (ciclo I) da rede privada e 47 escolas do ensino fundamental I e II, pública municipal com 390 docentes. No mesmo ano de 2015, foram feitas 7.842 matrículas na rede de ensino em geral.

Inicialmente, após o contato com a direção da instituição escolhida e com a devida autorização para a pesquisa, convidamos dois professores para a

participação do trabalho que se tornaram os sujeitos da pesquisa, explicamos o objetivo a ser desenvolvido na presente instituição, o quanto era importante suas colaborações e com suas anuências foram assinados o termo de livre consentimento.

Os professores, aqui denominados com nomes fictícios: Aldo e João lecionam no ciclo I do ensino fundamental, mas precisamente do terceiro, quarto e quinto ano da mesma instituição. O professor Aldo com 43 anos e 15 de profissão, é formado em Pedagogia e Licenciatura em Biologia, leciona educação geral em uma turma do 4º ano, com 28 alunos, no turno intermediário e ainda leciona Ciências do 6º ao 9º ano.

O professor João com 40 anos e 25 anos de profissão, é formado no antigo magistério e cursa o segundo ano de Pedagogia, lecionam Educação geral no 3º ano do Ensino Fundamental com 23 alunos e também no 5º ano com 28 alunos, no turno intermediário, conforme o quadro1 a seguir.

Quadro 01: Perfil dos Docentes Aldo e João (Escola Marieta Nunes, ano 2018)

NOME	IDADE	FORMAÇÃO	TEMPO DE ATUAÇÃO	NÍVEL DE ENSINO ATUAL	Nº DE ALUNOS POR TURMA
Aldo	43 anos	Pedagogia e Licenciatura em Biologia	15 anos	4º ano (Educação Geral). 6º ao 9º (Ciências)	28 alunos
João	40 anos	Magistério e Pedagogia (em andamento)	25 anos	3º e 5º ano (Educação Geral).	23 alunos (4º ano) 28 alunos (5ºano)

Fonte: Diário de bordo. Erenilde M. de Jesus, 2018.

Os sujeitos receberam um questionário com 13 perguntas contextualizadas, para responderem em forma de narrativa, conforme o quadro 2 a seguir.

Quadro 02: Questionário

1	O que você entende por racismo?
2	Na sua sala de aula já ocorreu /ocorre situações de racismo entre seus alunos?
3	Caso positivo, você descreveria como ocorreram essas situações, apelidos, brincadeiras, escolhas de membros de grupo...)? conte como isso aconteceu.
4	Que consequências o racismo pode trazer aos alunos?
5	Você já recebeu alguma formação para trabalhar a questão racial?
6	Conte como ocorreu essa formação (duração, local, data, instituição)?
7	Você conhece a lei 10369/2003?
8	Como você aborda o tema da diversidade étnico racial em sala de aula?
9	Há projeto de intervenção sobre racismo na escola? quais e como é desenvolvido?
10	Qual sua atitude, como professor, diante do racismo?
11	Que ações são executadas para combater o racismo na escola?
12	Qual sua prática docente diante do racismo?
13	Quais suas dificuldades para trabalhar a questão étnica racial em sala de aula?

Esse instrumento de investigação foi escolhido, pois oferece ao pesquisador informações sobre a experiência vivida no ambiente em que está sendo feita a pesquisa. Segundo Clandinin e Connelly (2011):

Os termos interação (pessoal e social), continuidade (presente, passado e futuro) e situação (lugar) compõem um espaço tridimensional que caracteriza a pesquisa narrativa, tornando-se um dos elementos-chave no desenvolvimento do método narrativo (CLANDININ, CONNELLY, 2011 p.65).

Desta forma, a partir da análise das narrativas foram feitos recortes que constituíram o *corpus* do trabalho ora apresentado.

SEÇÃO III - PRÁTICA DOCENTE MEDIANTE AS ATITUDES RACISTAS PROMOVIDAS PELOS ALUNOS NA ESCOLA

O objetivo da **primeira** pergunta, era perceber que noções os docentes tinham sobre o conceito de *racismo*, nesse caso ambos os professores demonstraram ter conhecimento sobre esse conceito. Conforme nosso estudo, Santos (2006, p. 11) diz que “racismo é um sistema que afirma a superioridade de um grupo racial sobre outros”. Observamos no trecho a seguir que a resposta do professor Aldo é bem representativa desse pensamento:

[...] toda atitude que uma pessoa direciona a outra, através de gestos e palavras demonstrando certos graus de superioridade provenientes de cor de sua pele [...] (pergunta nº 1- resposta professor do Aldo).

Da mesma forma, Sant’Ana (2005 p. 60), menciona que “racismo é uma ideologia que postula a existência de hierarquia entre os grupos humanos” o que fica identificado na resposta de João, no trecho a seguir:

É quando uma pessoa falta com o respeito a outra por seu tom de pele e ainda menospreza Pergunta nº 1- resposta do professor João).

Quanto à **segunda** pergunta do questionário sobre a ocorrência do fato nas salas de aulas, conforme a resposta observa-se que não está ocorrendo em todas as salas, mais ocorrem. O nosso interesse nesse trabalho foi investigar as práticas nas salas onde o ocorre à prática do racismo. Nesse caso, somente na sala do professor João foi registrado por ele um episódio, que responde a **terceira** pergunta do questionário, narrado por ele a seguir:

Em uma brincadeira de roda, uma criança não quis pegar na mão da outra pelo fato do coleguinha ter o tom de pele mais escuro (Pergunta nº 3 - resposta do professor João).

Apesar de o professor Aldo afirmar nunca ter ocorrido em sua sala de aula, não se pode descartar essa hipótese, pois muitas vezes esse ato acontece sem que o professor perceba. Como Cavalleiro (2007, p.118) enfatiza:

No cotidiano escolar, são muitos os profissionais da educação que não percebem conflitos raciais entre seus alunos e também não compreendem em quais momentos ocorrem atitudes e práticas discriminatórias e preconceituosas que impedem a realização de uma educação democrática.

Por essa razão é importante que os docentes finquem um olhar sobre todas as atitudes entre seus alunos, que não deixem passar por despercebidas atitudes que podem desconstruir o que a escola tende a construir. Desta forma, de acordo com o estudo e os autores escolhidos para ancorar o trabalho, os professores têm noção clara das consequências que as atitudes racistas provocam no desenvolvimento e na aprendizagem dos alunos, o que responde a **quarta** questão do questionário. Nesse sentido, Cavalleiro (2007 p.98) já dizia que “os maus tratos que as crianças negras sofrem no cotidiano comprometem seu desenvolvimento”.

Isso apareceu na resposta do professor João e professor Aldo sobre as consequências que o racismo pode trazer aos alunos, tais como “os traumas” e ainda “mudanças de comportamentos” levando a “dificuldades de aprendizagem” e a “evasão escolar” como nos trechos a seguir:

Traumas, mudanças de comportamento, dificuldade no aprendizado podem ocorrer. (Pergunta nº 4 - resposta do professor João).

Inúmeras consequências como, por exemplo, traumas, baixa auto-estima, isolamento, revolta e até mesmo a evasão escolar. (Pergunta nº 4 - resposta do professor Aldo).

Portanto, a discriminação racial principalmente, se for ao cotidiano escolar, acarreta sobre o indivíduo todas essas consequências citadas pelos professores.

Quanto a formação continuada dos docentes, objeto das perguntas número **cinco e seis**. Segundo suas respostas, os professores não recebem ou receberam um período muito curto, a formação continuada para trabalhar com a questão racial. O professor Aldo disse que recebeu formação para isso em um minicurso, oferecido pela escola, como relata no trecho a seguir:

Durante cinco dias foram confeccionados os minicursos com uma carga horária de oito horas na escola onde trabalho. Cada dia era ministrado um curso diferente e um desses dias foi desenvolvido o curso referente à história afro-brasileira e a lei 10369/2003 pelos professores contratados pela escola (Pergunta nº 5 - resposta professor do Aldo).

Embora, o professor Aldo tenha participado dessa formação, sabemos que isso não garante ao professor o conhecimento necessário para uma prática efetiva. Uma vez que, em uma formação de oito horas, somente em um dia se trabalhou a **QUESTÃO RACIAL (a história afro-brasileira e a lei 10369/2003)**. “a formação do

professor é um dos elementos-chave na desestigmatização da imagem do negro”, como menciona Silva (1995). Essa temática requer uma preparação antecipada por parte do professor, entretanto, percebe-se que os docentes ainda não estão dando tal importância a esse assunto, pois não apresentaram uma prática aprofundada como um planejamento que a abordassem a cultura afro brasileira, para desenvolverem em suas salas de aula.

Nesse sentido, o conhecimento da Lei é essencial para dar suporte ao ensino necessário à valorização do negro e a superação do racismo na escola e para além dela, na sociedade. Desta forma, a resposta da pergunta número **sete** que é relacionado ao conhecimento da lei 10.369/2003, evidencia a fragilidade do conhecimento dessa ferramenta por parte dos docentes envolvidos nessa pesquisa. Um só conheceu a existência da lei no minicurso oferecido pela escola e o outro não tinha conhecimento da mesma.

Portanto, o que se percebe é que os docentes pesquisados, não buscaram ou não buscam se aperfeiçoar, para desenvolver um trabalho adequado a essa temática do racismo em suas salas com seus alunos, sendo que a capacitação do professor nesta área se faz necessária pela grande diversidade que há nela. “[...] e que cada educando é possuidor de uma cultura e deve ser respeitado por isso”(SILVA, 1995).

Quanto a abordagem da temática em sala de aula, referente à questão número **oito**, o professor Aldo demonstrou que ministrou ou ministra o tema em sua turma de maneira informal e dialogada, quer dizer, sem a preocupação de aprofundar o tema ou planejar um assunto específico da temática. Enquanto o professor João não afirma que trabalha ou tenha trabalhado o assunto. Sua resposta diz apenas como acredita que se pode trabalhar, sugerindo como ponto de partida o diálogo. Como relatado no trecho abaixo:

Acredito que dialogar sobre o assunto é o ponto de partida (Pergunta nº 8. Resposta Professor João).

Através de aulas informais e dialogadas em rodas de conversas e leituras (Pergunta nº 8. Resposta professor Aldo).

Portanto, é importante quando os docentes tentam desmitificar o pensamento negativo que é criado sobre os negros, o diálogo deve ser somente um ponto de partida como mencionou o professor João, mas que é preciso ir além. O docente tem que “Identificar, corrigir a ideologia, ensinar que a diferença pode ser bela, que a

diversidade é enriquecedora e não é sinônimo de desigualdade” (SILVA, 2005, p.31).

Nas respostas da pergunta que se refere se há projetos de intervenção do racismo na escola (questão nº **nove**), observamos que os docentes não demonstram ter noção da importância e da necessidade de se trabalhar as questões raciais, mesmo que a prática do racismo por ventura não esteja acontecendo com suas turmas. O que corrobora com os autores estudados nesse trabalho quando afirmam que os professores não estão preparados para atuarem, além de que existe um racismo camuflado no Brasil como menciona Amaral (2004), quando diz que:

O racismo anti-negro no Brasil expressa-se de forma camuflada de tal forma que a sociedade não se assume enquanto racista, preferindo de certa forma, camuflar seu racismo através de outros atributos diferenciais, ou seja, confunde racismo com questões econômicas, culturais, educacionais, tentando fazer com que as pessoas acreditem que é econômica e social ou até natural, questões que tem como base o racismo e a discriminação (AMARAL 2004, p.20).

O professor João apenas respondeu que não, e não fez comentários, mas o professor Aldo em sua resposta exclamou, dando “Graças a Deus!” por sua escola não ter tido necessidade de projetos de intervenção, no entanto sabemos que episódios racistas são recorrentes em quase todas as escolas e que mesmo em escolas onde talvez não ocorra se faz necessários projetos que tratem dessas questões, uma vez que a escola precisa formar cidadãos conscientes, críticos e atuantes numa sociedade desigual.

Portanto, se percebe o despreparo do professor para atuar sobre esse tema. Não apresenta uma visão ampliada sobre o assunto, quando ele diz que “ainda não foi necessário abordar esse assunto na escola”. Assuntos como “esse”, a nosso ver, não deve esperar um fato presente para de abordagem, e sim preparar as pessoas para serem conhecedoras das diversidades culturais em que estão inseridas, afim de prevenir tais fatos, possibilitando a todos se tornarem cidadãos conscientes de que as diferenças fazem parte de seu cotidiano.

A questão número **dez**, diz respeito a atitude do professor diante do racismo. Em sua resposta o professor Aldo afirma que caso venha acontecer atitudes racistas em sua sala de aula, ele:

Espera ser um mediador entre os envolvidos e tentar solucionar tais problemas de maneira democrática (Pergunta nº 10 – resposta professor do Aldo).

Sua resposta nos lembra o típico representante da sociedade brasileira, no que diz respeito à democracia racial, pois como meta a democracia racial está longe de ser atingida, não deixa de ser um mito da sociedade brasileira que tenta criar uma imagem positiva que não coincide com a realidade. Imagine, por exemplo, o aluno que falou mal da aluna na minha sala de aula, se eu tivesse que agir democraticamente com eles, eu teria que respeitar a opinião dele no que diz respeito a característica física da menina, apontada por ele, pois democraticamente todos tem direito à liberdade de expressão. No entanto, estaria ferindo o direito à defesa da menina, garantido constitucionalmente. Nesse sentido onde estaria encaixada a democracia racial?

Quanto ao professor João, apesar de nunca ter recebido formação, de não conhecer a Lei, demonstra sensibilidade e certa ingenuidade em sua resposta, pois diante de situações racista, de acordo com sua resposta, se colocaria como exemplo, como mencionado no trecho a seguir.

Levar a turma a perceber, a observar que não faço acepção entre os alunos tratando-os de igual forma (Pergunta nº 10. Resposta professor do João).

Todos os envolvidos na educação deveriam segundo os estudos estar engajados na questão racial na escola, no entanto os professores revelaram a ausência da participação da escola como instituição, relegando somente aos professores a responsabilidade de lidarem com isso. Como mencionamos anteriormente que o professor não deve se sentir sozinho, que é importante a participação de todos os envolvidos, é um trabalho que não deve ser executado somente em sala de aula e sim ir além dela, envolver a família, valorizar o que o aluno traz consigo como experiências, conhecimentos, valores e vivências como menciona Moura (2005):

A escola não leva em conta o saber diferenciado que o aluno pode trazer da vivência no seio familiar, aprendido com seus pais e avós ou no seu meio social de origem. Assim, ela desconhece a origem étnica dos alunos e a formação cultural de sua clientela. (Moura2005, p. 79).

Portanto, aí se dá a importância do trabalho que o professor pode desenvolver em sua sala de aula, quando ele assume esse papel junto com a instituição escolar de preparar os alunos para uma diversidade de ensino e aprendizagem que os leva para uma vida de um rico conhecimento diversificado e de valores que se adequa a uma sociedade como um todo, valorizando tudo aquilo que é relacionado à cultura afro-brasileira que muitas vezes nem mesmo a criança negra conhece.

As respostas da questão **onze**, quando questionados sobre as ações executadas na escola para combater o racismo, apresentam uma contradição por parte dos professores entrevistados, para o professor Aldo as ações ocorrem:

Sempre através de mini cursos, palestras e uma boa conversa entre os alunos e a escola (Pergunta nº 11. Resposta professor do Aldo).

O que não condiz com a resposta do professor João, sendo que os dois trabalham na mesma escola, pois ele afirma que:

A escola não promove tal ação (Pergunta nº 11. Resposta professor do João).

Contudo, mesmo que houvesse palestras ou conversas entre os envolvidos, isso não é o suficiente para que se tenha uma compreensão completa do assunto, pois são temas que requer uma preparação antecipada como mencionado anteriormente, um planejamento, para os diálogos e esclarecimentos, envolvendo todos, e quando a escola não toma uma iniciativa, ela está omitindo o preconceito racial, muitas vezes existente na instituição. Como menciona (ARRUDA 2006) a escola pode ser a grande parceira para que a diversidade comece a ser implementada, e assim buscar conhecer e valorizar a pessoa negra, não deixando espaço para pensamentos racistas.

Quanto à prática desenvolvida pelos professores diante do racismo referente a questão **doze**, o professor Aldo apresenta um nível de compreensão ainda em construção, uma vez que em sua resposta menciona desenvolver atividades didáticas e pedagógicas com objetivo de “conscientizar de uma vez por todas os alunos”, conforme o trecho a seguir:

Proporcionar atividades didática e pedagógicas no que diz respeito a esse tema, fazendo com que os discentes possam, de uma vez por todas, ter consciência das consequências negativas que essa prática

pode acarretar numa pessoa que sofre com esse preconceito (Pergunta nº 12 - Resposta professor Aldo).

A pretensão que apresenta nos parece um tanto utópica, pois ninguém consegue conscientizar antes de sensibilizar sobre as questões problemáticas, como é o racismo. É preciso fazer conhecer, aprofundar historicamente e culturalmente essas questões de modo processual, para então sim, desenvolver atitudes coerentes e humanizadas. No entanto, ainda assim não se consegue resultados definitivos, como o objetivo que apresenta. Como afirma (MUNANGA 2005):

“Não existem leis no mundo que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas existentes nas cabeças das pessoas, atitudes essas provenientes dos sistemas culturais de todas as sociedades humanas. No entanto cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados (MUNANGA 2005, p. 17).”

Quanto a resposta do professor João sobre sua prática diante do racismo, o que responde a questão **doze** o mesmo relata que:

“De forma criativa e dinâmica aprofundar na história conhecendo valores, influências e cultura que fazem parte de nossas vidas. (Pergunta nº 12. Resposta professor do João).”

É possível constatar em sua resposta que ele sabe da importância de se conhecer e valorizar a cultura Afro-brasileira, e também de aprofundar o estudo ao conhecimento na história. Sua resposta condiz com o que aborda a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional no parágrafo 2º que tem por objetivo, “[...] o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros bem como garantia e reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas da nação brasileira [...]” (Brasil 2004, p.11).

Assim também, Araújo (2015) fala da importância de ensinar conteúdos referentes à história afro-brasileira. O professor ao reconhecer que todos pertencem a uma sociedade composta por diferentes culturas e inicia um trabalho em sala de aula abordando esse tema, estará contribuindo para uma formação não somente dos alunos negros, mas também dos demais sujeitos, para que os mesmos sejam

capazes de conviver com tais diferenças, e ajudando na auto-estima e na formação de seus alunos negros.

Quanto às dificuldades para trabalhar as questões raciais questão **treze**, os professores demonstraram ser coerentes com suas realidades. O professor Aldo assumiu a falta de conhecimento sobre a temática do racismo e o pouco domínio dos recursos tecnológicos oferecidos pela escola para trabalhar. Enquanto o professor João, já demonstra sensibilidade para desenvolver a temática com seus alunos, embora tenha dificuldade em tratar da questão, quando diante de episódios ditos por ele “normais” no cotidiano. Conforme as representações textuais a seguir:

A falta de conhecimento e domínio dos recursos tecnológicos que estão dispostos na escola e às vezes não são usados (Pergunta nº 13. Resposta professor do Aldo).

Falar sobre o assunto, tentando combater uma opinião racista, quando esta é considerada normal ou comum no cotidiano dos alunos (pergunta nº 13 - resposta professor do João).

Diante das dificuldades apresentadas pelos professores, podemos ressaltar que realmente não são oferecidos na maioria das escolas suporte necessários para lidarem com os meios tecnológicos muitas vezes por falta de formação, ou até mesmo por não terem acesso aos instrumentos tecnológicos. Para Arruda (2006, P.65)“ às vezes a falta de recursos tecnológicos e didáticos apropriados e, por fim as condições muitas vezes insatisfatórias de trabalho” dificulta a prática docente.

Nesse caso, faz-se necessário o conhecimento adequado dos docentes para lidarem com os materiais tecnológicos ou didáticos que irão ajudá-lo a trabalhar com a temática do racismo em sala de aula, ou então o professor terá que buscar outros meios, o que não pode é cruzar os braços e ficar por isso mesmo, deixando seus alunos a mercê de atitudes racistas em virtude de sua cor ou qualquer que seja a diferença, cabe aos professores reverterem essas situações, tornando o espaço escolar um lugar de aprendizagem, transformando opiniões quando essas já estão formadas, como disse o professor João em resposta citada acima. Essas opiniões que muitos alunos trazem consigo são resultados de convivências ou até mesmo influencia sofrida no próprio ambiente escolar, e em seu cotidiano fora da escola.

Portanto, quando se trata das diferenças apresentadas em uma classe escolar em que opiniões se contradizem uma com a outra, o professor tem que ser

um mediador que pode construir e desconstruir ao mesmo tempo tendo discernimento para perceber atitudes racistas.

Esse racismo erroneamente denominado cordial acarreta grandes prejuízos para aqueles que lutam diariamente contra um inimigo “invisível”, que não aparece em hora, situação ou lugar predeterminado como diz (CAVALLEIRO 2007, P. 30).

Apesar das dificuldades encontradas para lidarmos com certas situações é preciso saber à hora de intervir.

Entretanto escola como instituição educacional tem o papel de oferecer uma formação voltada para o respeito e valorização do outro, construindo um espaço harmonioso onde os alunos negros se sintam bem acolhidos e valorizados. “[...] a escola precisa proporcionar momentos de discussão, entre professores, alunos e toda comunidade escolar, dessa maneira ampliar o conhecimento sobre a história do negro”(ARAÚJO 2015, p. 15 apud VERÇOSA 2012, p. 42), quando há engajamento de todos os envolvidos em um único propósito as dificuldades serão solucionadas e os resultados serão positivos e favoráveis para ambas as partes.

Baseados nesses resultados e discussões apresentamos a seguir as nossas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da temática ora estudada acredito que o Racismo na escola é uma questão pouco trabalhada, como na escola pesquisada no município de Marapanim seja na formação do professor, seja na sua prática docente. Percebi ao longo do estudo que atitudes racistas são rotineiras nas salas de aulas, o que conferiu relevância e justificou minha aflição ao me deparar com a situação em minha própria sala de aula. E mais ainda, quando do termino da investigação, ao perceber que existem poucas referências de como se trabalhar atitudes racistas no cotidiano escolar.

Este trabalho mostrou que a escola, como instituição não dá suporte para a formação adequada do professor e nem mesmo o professor apresenta motivação para buscar tal formação, daí que quando, diante de situações racistas não sabe como agir, pois não tem conhecimento aprofundado da legislação, da história, da cultura negra e de questões referentes à temática.

Como consequência, é negado aos alunos negros e brancos o direito de se desenvolverem culturalmente, cognitivamente e socialmente como cidadãos. Muito mais ainda, os negros, que já carregam em sua história um rastro de descaso, omissão, abandono e negação de sua identidade, são afetados pela discriminação e o preconceito que ocorrem na escola.

Essa realidade precisa mudar, o professor é realmente o primeiro que deve perceber essas situações e buscar desenvolver um trabalho para fazer conhecer, aprofundar histórica e culturalmente essas questões étnicas racial de modo processual, a fim de desenvolver atitudes coerentes e humanizadas na escola. Certamente, o racismo faz inúmeras vítimas na escola e cabe a toda a comunidade escolar o planejamento e ações de combate ao racismo, para que o negro seja acolhido e respeitado na sua diversidade.

Acredito que aprofundando o tema como rodas de conversas, estudos e pesquisas das diversas culturas, e filmes que tratam deste assunto, não somente nas datas comemorativas, como dia do índio, dia da consciência negra, mas com planos de ação inseridos no Projeto Político Pedagógicos da escola, no sentido de amenizar e erradicar a discriminação e a violência que o racismo gera no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Assunção José P. **Da senzala à vitrine: relações raciais e racismo no mercado de trabalho em Belém.** 1ª edição. Belém: editora Cejup, 2004.

ARRUDA, Jorge. **Educando pela Diversidade Afro-brasileira e Africana: As Ações Afirmativas - Resignificando os Temas Transversais Lei 10.639/2003 – comentada.** 1ª Ed. João Pessoa: editora Dinâmica, 2006.

AZEVEDO, Eliane. **Raça, Conceito e preconceito.** 2ª edição. São Paulo: editora Ática, 1990.

_____. **Racismo e Anti – racismo na educação: repensando nossa escola.** São Paulo: Selo Negro, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação. CP/DF Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004. **Institui as diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.** Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>> Acesso em 03/08/2018.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.** São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03/ Secretaria de Educação continuada, Alfabetização e Diversidade.** Brasília: Ministério da Educação, 2005.

_____. (org.). **Racismo e Anti-racismo na educação: repensando nossa escola.** São Paulo: Summus, 2001.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa.** Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

FADE, Faculdade e Decisão. **Orientação básica para construção do projeto de pesquisa.** Pernambuco: Paulista, 2010

GOMES, N. L. **Educação e Relações Raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação.** IN: MUNANGA, K. (org.). Superando o Racismo na Escola. Ministério da Educação. Secretaria de Educação continuada, alfabetização e diversidade. Brasília, 2005. p. 146-154.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. URL: <http://www.ibge.gov.br> Acesso em 18/05/2016

LÜDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: E.P.U., 1986.

MOURA, Glória. O direito à diferença In: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 69-81.

MUNANGA, Kabengele (org.) **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

OLIVEIRA, Idalina Maria Amaral de. **A questão racial na escola. Paraná**. S/D. disponível em <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1454-8.pdf>> Acesso em 15/08/2018.

PEREIRA, E.A. Malungos na escola: **Questões sobre culturas afrodescendentes e educação**. SP 2007(coleção educação e foco. Série educação, história e cultura) ISBN 978-85-356-2029-0.

PERRENOUD, Phelipe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PLANALTO. **Lei/11.645**. disponível em <http://WWW.planalto.gov.br/ccivil_at/2007_2010/2008/lei/11.645-htm> acesso em 16/07/2018.

SILVA, Ana Célia. Ensino e a cor da pele. In: Assessoria Ministerial de Comunicação Social do MPPE Grupo de Trabalho sobre Discriminação Racial do MPPE – GT Racismo (org.). **No País do Racismo Institucional**. Recife: Procuradoria Geral de Justiça, 2013. p. 62-87.

SILVA, Consuelo Dores. **Negro, qual é o seu nome?** Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O que é Racismo?** 8ª Ed. João Pessoa: editora Brasiliense, 2006.

SANT'ANA, Antônio Olímpio. História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados. In: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 39-67.

VERÇOSA, Alzenite de Araújo. **Racismo na escola: o silêncio fala mais alto**. 2012. Disponível em: <http://www.amde.ufop.br/tccs/Xapuri/Xapuri%20-%20Alzenite%20Vercosa.pdf>. Acesso em: 30/07/2018.

Anexo

QUESTIONÁRIO

Identificação do sujeito:

Formação inicial (graduação)_____

Nome da escola em que

Trabalha_____

Turma(s)_____

Tempo de trabalho_____

- 1- O que você entende por racismo?
- 2- Na sua sala de aula já ocorreu /ocorre situações de racismo entre seus alunos?
- 3- Caso positivo, você descreveria como ocorreram essas situações, apelidos, brincadeiras, escolhas de membros de grupo? Conte como isso aconteceu.
- 4- Que consequências o racismo pode trazer aos alunos?
- 5- Você já recebeu alguma formação para trabalhar a questão racial?
- 6- Conte como ocorreu essa formação (duração, local, data, instituição)?
- 7- Você conhece a lei 10.639/2003?
- 8- Como você aborda o tema da diversidade étnico racial em sala de aula?
- 9- Há projeto de intervenção sobre racismo na escola? quais e como é desenvolvido?
- 10- Qual sua atitude, como professor, diante do racismo?
- 11- Que ações são executadas para combater o racismo na escola?
- 12- Qual sua prática docente diante do racismo?
- 13-Quais suas dificuldades para trabalhar a questão étnica racial em sala de aula?